

**ROMANTISMO, SATTELZEIT, MELANCOLIA E “CLIMA HISTÓRICO” (STIMMUNG)**

Marcelo de Mello Rangel<sup>20</sup>

**RESUMO:** Nosso argumento é: 1- Gonçalves de Magalhães e os primeiros Românticos em geral escreveram suas poesias e artigos no interior do “tempo histórico” moderno, em especial do *Sattelzeit* (1750-1850), e, 2- Suas reflexões são constituídas no *Sattelzeit* e são determinadas por um “clima histórico” que chamamos de melancólico, o que significa dizer um horizonte caracterizado por sentimentos como a contrição, cautela e medo radicais, a desesperança e o pessimismo, e, no limite, o desespero em relação à existência humana, num sentido mais amplo, e ao futuro do Império do Brasil, mais especificamente. Assim, dividiremos nosso texto em 3 partes. No primeiro momento, discutiremos as noções de “tempo histórico” e de *Sattelzeit*. Logo em seguida, analisaremos os temas “clima histórico”, “clima histórico” no Império do Brasil, e, por fim, na terceira parte, tematizaremos o pessimismo no interior da poesia de Magalhães, historicizando-o, ou seja, descrevendo-o como próprio ao seu “tempo histórico”, a modernidade, e ao seu “clima histórico” melancólico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo. Gonçalves de Magalhães. Melancolia. *Sattelzeit*.

**ROMANTICISM, SATTELZEIT, MELANCHOLY AND ATMOSPHERE (STIMMUNG)**

**ABSTRACT:** Our argument is: 1 Gonçalves de Magalhães and the first Romantics wrote his poems and articles within the modern "historical time", especially the *Sattelzeit* (1750-1850), and, 2- His reflections are given in *Sattelzeit* and are determined by a "historical climate" we call melancholy, which means one horizon characterized by feelings of contrition, caution and extreme fear, hopelessness and pessimism, and, ultimately, despair about human existence, in a broader sense, and the future of the Empire of Brazil, more specifically. Thus, we will divide our text into 3 parts. At first, we discuss the notions of "historical time" and *Sattelzeit*. After, we will analyze the themes "historic climate", "historic climate" in the Empire of Brazil, and, finally, in the third part, we will thematizing the pessimism within the poetry of Gonçalves de Magalhães, historicizing it, or describing it as its own "historical time", the modernity, and its "historic climate" melancholy.

**KEYWORDS:** Romanticism. Gonçalves de Magalhães. Melancholy. *Sattelzeit*

---

<sup>20</sup> Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto -UFOP. Este texto foi apresentado no “III Congresso Internacional de Filosofia de la Historia: Dimensiones de la Experiencia Histórica”, na Universidade de Buenos Aires -UBA, no ano de 2012, por isto conserva algumas características próprias a uma comunicação. Agradeço aos meus caros Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos da UEG e Alexandre de Sá Avelar da UFU pela amizade e diálogo. E-mail: [mmellorangel@yahoo.com.br](mailto:mmellorangel@yahoo.com.br). Artigo submetido em 28/08/2014 e aceito para publicação em 12/12/2014.

### Sobre o “tempo histórico” moderno e o *Sattelzeit*

“Tempo histórico”, de acordo com Koselleck, significa um conjunto específico de homens, ideias, instituições e práticas, reunidos a partir de um sentido fundamental. Segundo o historiador alemão, um “tempo histórico” nasce a partir da crise de um sentido fundamental. Foi justo isto que ocorreu por volta do século XV, em linhas gerais, quando o sentido fundamental Deus entra em crise, ou seja, não é mais capaz de organizar os homens de forma imediata (transcendental). Esse é o início do “tempo histórico” moderno ou da modernidade, se preferirmos.

O “tempo histórico” moderno se inicia, então, a partir de uma crise específica, da quebra do valor de verdade do sentido Deus, ou ainda, da perda de sua imediatidade, ou de sua vigência não tematizada. Na modernidade, o sentido Deus ainda orientava os homens, no entanto, nem todos os homens e nem sempre de forma imediata, e, a um só tempo, nenhum sentido ganhara valor de verdade -, ao menos até a primeira metade do século XIX, quando se destacam as instituições - Estado e História -, e os homens, por conseguinte, experimentavam uma crise no que diz respeito às relações entre si, e, num sentido mais amplo, no que concerne à delimitação e organização do real.

Em linhas gerais, o “tempo histórico” moderno fora determinado por uma ausência de sentidos imediatos suficientes à organização do mundo, e isto porque o próprio mundo se movera/transformara de forma radical, tornando precários os sentidos disponíveis até então, movimento que Koselleck chama de atualização do “futuro enquanto ainda-não”<sup>21</sup>. O que temos, assim, é a redução do “espaço de experiência”, o qual não reunia um repertório adequado às conjunturas inéditas que iam sendo experimentadas.

No interior do “tempo histórico” moderno, ainda de acordo com Koselleck, houve um momento de radicalização dessa experiência de “desorganização” do mundo, o *Sattelzeit*. A experiência do *Sattelzeit* estendeu-se, em linhas gerais, entre 1750 e 1850, e pode ser caracterizada por uma aceleração profunda do tempo, ou seja, pela multiplicação de acontecimentos e conjunturas inéditas para as quais os homens em geral não reuniam

---

<sup>21</sup> É fundamental ressaltar que a atualização do “futuro enquanto ainda-não”, ou ainda, o movimento de diferenciação do horizonte histórico, é explicado por Koselleck como sendo provocado pelos próprios homens, ou ainda, pela tensão e atualização, necessárias, de suas determinações ontológicas ou meta-históricas - experiência e expectativa. Como podemos ler: “Mas nossos dois conceitos não se encontram apenas na execução concreta da história, na medida em que a fazem avançar. Como categorias, eles fornecem as determinações formais que permitem que o nosso conhecimento histórico decifre essa execução. Eles remetem à **temporalidade** do homem, e com isto, de certa forma meta-historicamente, à **temporalidade** da história”. (KOSELLECK, 2006, p. 309. Grifo nosso)

sentidos suficientes. Se, ao longo dos primeiros séculos da modernidade, até mais ou menos 1750, o Estado fora capaz de ocupar o espaço de relevância até então próprio à Igreja, produzindo sentidos e orientações significativos através do método prognóstico, no *Sattelzeit*, o próprio Estado e os prognósticos perdem parte de sua força organizacional.

Explicando melhor: Ao longo dos primeiros séculos da modernidade o Estado foi capaz de orientar os homens mesmo que reconhecendo os limites dos sentidos que ele mesmo disponibilizava, e isto através dos prognósticos. O prognóstico é um estudo, uma investigação do passado a partir do presente, orientado pela compreensão de que o futuro seria, em última instância, inédito e imprevisível. Trata-se de um método que reconhece seus limites e, não obstante, insiste na tarefa de disponibilizar sentidos próprios à organização do mundo, ou ainda, à antecipação dos homens em relação ao “futuro enquanto ainda-não”. Ele percorre o seguinte caminho: a partir da investigação do presente, dos sentidos que vigem no presente, passa à análise do passado, buscando identificar, nele, no passado, a vigência desses sentidos que se estenderam até o presente, que mantiveram, mais ou menos, seu potencial de organização do mundo até o presente, a despeito de acontecimentos inéditos e imprevisíveis. Caso tenha sucesso, caso encontre no passado sentidos fundamentais à organização do mundo no presente, resta, então, a possibilidade, apenas a possibilidade, desses sentidos que permaneceram significativos, apesar da irrupção de acontecimentos inéditos, continuarem vigendo no futuro. Assim, em tempos de crise, ao longo do “tempo histórico” moderno, os homens iam se orientando e se reorganizando.

O que ocorre, no entanto, é que entre os anos de 1750 e 1850, no *Sattelzeit*, houve uma aceleração ainda mais profunda no que tange ao acontecimento dessas conjunturas maximamente inéditas, elas passaram a se constituir/a irromper umas após as outras muito rapidamente, expondo os homens a relações até então maximamente inéditas, dificultando a produção e a própria confiança nos prognósticos. Em outras palavras, os homens em geral já não encontravam mais em seus presentes a estabilidade mínima necessária à análise e compreensão de sentidos vigentes que poderiam ter se mantido fundamentais desde o passado, resistindo a um conjunto de transformações significativas, tornando-se, assim, possivelmente capazes de resistir, uma vez mais, a novas conjunturas que irrompessem no futuro. Ou ainda, não se tinha tempo para insistir, como antes, em prognósticos, e mais, as próprias transformações eram tão intensas e incessantes que se passou a crer que algo mais propriamente novo (dotado de sentido) estava (quase) começando a se concretizar, de modo

que não seria mais tão adequado propor investigações prognósticas a partir do passado (KOSELLECK, 2006, p. 205-327).

Esta aceleração profunda afasta ainda mais o “espaço de experiência” do “horizonte de expectativas”, ou seja, um repertório de sentidos específico que organizara certa vez o mundo e a sua força de organização em relação às novas conjunturas que se conformavam incessantemente. Assim, os homens se encontravam expostos a conjunturas maximamente inéditas e não possuíam sentidos adequados à compreensão e à organização dessas conjunturas, cada vez mais frequentes e instantâneas.

O *Sattelzeit* significa, então, uma espécie de mundo “desorganizado” ou para utilizar um termo caro a Durkheim um momento de “anomia”, de ausência de sentidos e regras capazes de organizar os homens entre si, no interior do qual os homens não se encontravam propriamente preparados para agir de forma adequada e solucionar os desafios inéditos que iam sendo colocados por esse presente instantâneo. Nesse momento da modernidade, os homens em geral encontram-se receosos e contritos (gravemente preocupados/desconfiados), por um lado, em muitos casos pessimistas e desesperançados, por outro, e até, no limite, desesperados, o que produz uma atmosfera ou um “clima histórico” específico – o da melancolia. É nesse “tempo histórico” que Gonçalves de Magalhães e os primeiros Românticos encontram-se, e é por esse “clima histórico” melancólico, próprio à modernidade, que eles são orientados. Passamos, assim, ao nosso segundo ponto, à análise do “clima histórico”.

### **Clima histórico” (*Stimmung*)**

Nosso segundo objeto de investigação é o “clima histórico” (*Stimmung*). “Clima histórico” é um termo utilizado por filósofos e historiadores como Heidegger, Hans Ulrich Gumbrecht e Valdeci Lopes de Araújo. Esse termo é uma tradução possível da palavra alemã – *Stimmung*, que pode significar também: atmosfera, tonalidade afetiva, sentimento, *páthos*, entre outros.

Utilizamos a noção de “clima histórico” também a partir das reflexões de Martin Heidegger, compreendendo-o, em linhas gerais, como uma espécie de âmbito sentimental constituído historicamente, no interior/ou a partir da experiência de um determinado “tempo histórico”, capaz de orientar de forma significativa pensamentos e ações.

Dizendo ainda em outras palavras, um “clima histórico” é o mesmo que um conjunto de sentimentos específico que se sedimentam e se tornam transcendentais no interior de um

“tempo histórico” determinado, podendo se reconstituir de acordo com acontecimentos históricos e experiências do tempo.

Por exemplo: A Revolução Francesa e as Rebeliões Regenciais, estas últimas ao longo dos anos 30 do século XIX, no Império do Brasil. Estes acontecimentos aprofundaram a aceleração do tempo experimentada ao longo do “tempo histórico” moderno quer na Europa quer no Império do Brasil, tornando possível a experiência radical da aceleração do tempo que Koselleck chamou de *Sattelzeit*. Eles contribuíram para o aparecimento incessante de situações inéditas para as quais os homens, na Europa e no Império do Brasil, não possuíam um repertório de soluções adequado, o que os levou a insistir em um conjunto amplo (radicalmente aberto) de significados e sentidos maximamente inéditos, aliás, justo por esse motivo, homens como Bernardo Pereira de Vasconcelos, que haviam participado da chamada revolução liberal do “7 de abril”, junto a Feijó e a Evaristo da Veiga - tendo, ele também, participado deste movimento de intensificação (ou experimentação) de determinados significados e sentidos maximamente inéditos liberados pela Revolução Francesa, por exemplo - se empenharam em realizar o “regresso conservador”, ou ainda, como afirmara o próprio Bernardo, então contrito e profundamente cauteloso - “foi preciso buscar no estrangeiro a experiência que nos faltava, a atuação irresistível que então exerciam sobre nós as ideias, as instituições e os costumes franceses...” mas era chegada a hora de “frear a revolução”, o que o fizera afirmar em 1838: “Fui liberal, então a liberdade era nova para o país, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas ideias práticas; o poder era tudo, fui liberal. Hoje, porém, é diverso”(apud CARVALHO, 1999.)<sup>22</sup>.

A exposição de Bernardo Pereira de Vasconcelos, que poderia ser ratificada pelas reflexões de um Justiniano José da Rocha, através de seu panfleto “Ação, reação e transação”, publicado em 1855, evidencia (resguardando seu tom teleológico) que o Período Regencial (e mesmo boa parte da década de 20) fora um momento de aceleração profunda do tempo, provocada pela adesão e concretização das ideias e sentidos liberados a partir de acontecimentos como a Revolução Francesa, a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Industrial e as independências na América Latina. Multiplicaram-se jornais que discutiam temas disponibilizados por estes “acontecimentos”, intensificando e provocando circunstâncias maximamente inéditas determinadas por “anomia” (“desordem”), que instauraram, por sua vez, uma atmosfera ou um “clima histórico” melancólico, ou ainda, de

---

<sup>22</sup> Sobre o clima de contrição e de medo, próprio ao período regencial, ver: GONÇALVES, 1995 e MATTOS, 1999.

contrição e de cautela, de medo, de pessimismo e de desesperança, e, no limite, de desespero<sup>23</sup>. Clima que seria superado, na segunda metade do século XIX, quer na Europa Ocidental quer no Império do Brasil, a partir da preponderância imediata, ou seja, pouco tematizada, do Estado (e também da disciplina História), vide as reflexões de um Hegel, e, no Império do Brasil, em especial, a consolidação do Estado Saquarema, atrelado aos interesses do Café produzido na Corte e nas províncias contíguas – São Paulo e Minas Gerais, como anota Ilmar Rohloff de Mattos em seu “Tempo Saquarema” (2004).

Desse modo, multiplicam-se, ao longo dos anos 30, no Império do Brasil, discursos melancólicos - determinados por sentimentos como a cautela e a gravidade, o medo, o pessimismo e a desesperança, e, no limite, o desespero, - entre eles as poesias de Gonçalves de Magalhães e boa parte dos textos produzidos no interior do primeiro Romantismo, ou seja, escritos por Torres Homem, Araujo Porto-alegre, Pereira da Silva, entre outros, e, também, por homens mais diretamente ligados ao Estado, protagonistas do chamado *Regresso Conservador*, entre eles Bernardo Pereira de Vasconcelos e o Visconde do Uruguai.

#### **A melancolia de Magalhães: os *Suspiros Poéticos e Saudades*.**

Magalhães viaja para a Europa, mais especificamente para a França, em julho de 1833, onde fica até o final de 1836. Lá, junto a Torres Homem e a Araujo Porto-alegre, participa de muitas reuniões no Instituto Histórico de Paris, assiste a cursos na Sorbonne, viaja pela Europa, escreve dois livros de poesia que foram publicados sob o título de *Suspiros Poéticos e Saudades*, e, junto a seus companheiros, organiza e publica os dois números da *Revista Niterói*, periódico que é considerado a primeira manifestação propriamente Romântica no Brasil.

Assim que lemos os *Suspiros*, chama-nos atenção uma compreensão de fundo acerca do real. Para Magalhães, o real aparece como sendo determinado pela transformação incessante, ou ainda, pela devenida. Dizendo ainda de outra forma, os homens em geral sempre estariam expostos a relações e conjunturas inéditas e imprevisíveis, para as quais as suas instituições e o seu repertório de ideias, sentidos e práticas não seria adequado. E, aqui, temos uma primeira conclusão importante, a de que Gonçalves de Magalhães possui uma compreensão ontológica, ou ainda, uma compreensão acerca do real em sua totalidade, e mais, que essa compreensão é própria, ou melhor, adequada, ao seu “tempo histórico”. Ou

---

<sup>23</sup> Sobre o problema da “aceleração do tempo” no Brasil Império, em especial nas décadas de 1820 e de 1830, ver: ARAÚJO, 2008.

seja, a compreensão ontológica de que o real é devenida é própria e adequada à experiência da aceleração do tempo e ao “cronótopo historicista” (Modernidade), para usar um termo caro a Gumbrecht, e isto porque esta compreensão precisa contar com a percepção de que o tempo é um agente necessário, autônomo e imediato de transformações.

E, como desdobramento dessa compreensão ontológica, Magalhães compõe um juízo antropológico (melancólico), ou seja, evidencia aquilo que são os homens em geral – entes determinados pelo sofrimento. Segundo o poeta, os homens seriam entes diferentes em tudo, no entanto, idênticos em relação a uma única característica – a necessidade de sofrer. E, mais uma vez, temos uma compreensão que é adequada ao “tempo histórico”, e mais, ao “clima histórico” que é o do poeta. Enfim, o juízo antropológico de Magalhães está diretamente relacionado à experiência, também, à percepção de tempo própria ao “tempo histórico” moderno - a de que o tempo é um agente necessário, autônomo e imediato de transformações<sup>24</sup>, ou seja, que o tempo se transforma necessária e velozmente -, e mais, ele está em consonância e intensifica, a um só tempo, o seu “clima histórico”, marcado pela cautela e gravidade, pela desesperança e pelo pessimismo, e, no limite, pelo desespero. Em outras palavras, o poeta afirma que o real é devenida, e mais, que o homem está fadado ao sofrimento no interior deste real, (também) porque ele se encontra no interior de um “tempo histórico” no qual a experiência da redução do “espaço de experiência” (aceleração do tempo) está disponível, e, ainda, no interior do qual, os homens em geral encontram-se profundamente incomodados por essa experiência.

Como acabamos de ler, a compreensão ontológica disponibilizada por Magalhães evidencia que a existência humana é exposta, incessantemente, a relações e conjunturas inéditas e imprevisíveis, ou seja, o que está em questão aqui é que os homens em geral estão sempre expostos a circunstâncias para as quais não possuem respostas adequadas, o que significa dizer que estão sempre atarefados, empenhados na produção de sentidos adequados às circunstâncias inéditas no interior das quais sempre se descobrem uma vez mais.

---

<sup>24</sup> Hans Ulrich Gumbrecht (1999, p.460) sublinha que a modernidade, em especial a partir do século XVIII, ao experimentar o tempo a partir de uma aceleração radical, tendeu a compreendê-lo (percebê-lo) como sendo um agente autônomo e necessário no que tange à produção de diferenciações, e isto a despeito das coordenadas espaço-temporais, como podemos ler: “... porque a crença de que o tempo é um agente natural e inevitável de mudança no mundo cotidiano não estava institucionalizada até o início da era moderna. Esta crença se tornou o elemento central numa construção do tempo que hoje chamamos de “consciência histórica”, e que tendemos a interpretar equivocadamente como uma condição imutável da vida humana. Depois de 1500, a concepção do tempo como um agente necessário de mudança começou a solapar a validade dos ‘exemplos históricos...’”.

Bem, nessas circunstâncias, os homens em geral se veem na necessidade de investigar, e, após erros e acertos, produzir ideias, instituições e sentidos mais ou menos adequados. No entanto, como vimos, algo acontece incessantemente. Para Magalhães, a existência humana sempre é exposta a novas situações inéditas para as quais não possui respostas adequadas, e, por fim, os homens se descobrem, ainda uma vez mais, atarefados, obrigados a construir novos sentidos e respostas para novos tempos que já nascem fadadas à desatualização ou à caducidade.

O homem sofre, segundo Magalhães, porque sempre está necessariamente empenhado na produção de ideias, instituições, práticas e sentidos adequados a circunstâncias inéditas, e isto, sempre uma vez mais. Sofre também porque, além de sempre estar empenhado na produção de novos sentidos, ele precisa afastar-se daqueles sentidos com os quais tinha intimidade.

Aliás, é justo por isto que o tema da morte é tão caro ao Romantismo, porque ela lembra aos homens de sua determinação fundamental, a de que eles são fadados ao sofrimento, à construção incessante de novos sentidos, e mais, ao afastamento significativo, à “perda”, daqueles sentidos com os quais tinha intimidade, o sentir-se sempre fora de casa, para lembrarmos de Hölderlin e de Novalis.

Então, por fim, acompanhemos algumas poesias de Gonçalves de Magalhães, as quais são ideais à compreensão desta *Stimmung* melancólica que descrevemos:

“Para que vim eu ao mundo” – “(...) Quanto mais penso, mais creio/ Neste mistério profundo;/ E a mim mesmo então pergunto:/ Para que vim eu ao mundo?/ Como resposta esperando,/ Escuto silencioso;/ No coração, que palpita,/ Murmura um som lutuoso./ Soa essa voz em meu peito/ Como em caverna profunda,/ Como um suspiro exalado/ Pela vaga gemebunda./ Para a dor, me diz, nasceste;/ Para a dor, para o tormento:/ Teus males só terão termo/ Co’o teu último momento”.

“Não te rias, ó fortuna!/ Teu riso me é suspeito;/ Contra a desgraça não clamo;/ Não quero ser venturoso./ Vai-te, ó fortuna,/ Não me atormentes;/ Já te não creio;/ Em tudo mentes./ Enquanto te procurava/ Andei errados caminhos;/ E das rosas que murcharam/ Só me restam os espinhos./ Vai-te, ó fortuna,/ Não me atormentes;/ Já te não creio;/ Em tudo mentes./ Por coisa tão transitória/ É loucura amofinar-nos;/ Os bens que hoje nos outorgas,/ (...) Com bem pouco me contento;/ Conformei-me co’a desgraça;/ Já me tenho por ditoso,/ Já rejeito a tua graça./ (...) Não sei o que é a ventura,/ Nem sei se sou desgraçado./ Por bens que podem ser males,/ Eu não troco o meu estado./ (...) Rápidos passam os dias,/ E a cada passo que damos,/ À morte, que é sempre certa,/ Ligeiramente marchamos./ (...) Só é ditoso na terra/ Quem vive em paz com sua alma;/ Quem das penas que aqui sofre,/ Só do céu espera a palma”.

É possível, meu Deus, que tanto sofra/ Um mísero mortal, e qu’inda viva?/

Queres ver do teu servo/ A alma, de padecer já calejada,/ Sem murmurar,  
sem blasfemar, té onde/ A paciência leve?/ Em mim acaso novo Jó  
preparas? Ou o meu coração não é de humano,/ Ou a dor já o tem  
empedernido/ Co'o reiterado combate. (MAGALHÃES, 1999, p. 150)

O que está em questão aqui é que os primeiros Românticos, entre eles Magalhães, Torres Homem, Araújo Porto-alegre e Pereira da Silva, redigiram seus textos a partir do “clima histórico” melancólico (bem com intensificaram-no), o que os levou à produção de compreensões graves, e, no limite, pessimistas e desesperançadas em relação à própria existência, e, também, ao futuro do Império do Brasil, em especial no que tange às consequências provocadas pela instituição escravidão, entre elas a moral “egoísta”, sentimento que aprofundaria esta precariedade dos homens.

No entanto, e isto não teremos tempo suficiente para analisar aqui, ao mesmo tempo em que afirmavam que o futuro do Império estava gravemente ameaçado, e, no caso de Torres Homem, por exemplo, determinado pela necessidade da decadência, seus textos estiveram, por outro lado e de forma algo paradoxal, comprometidos com um projeto de “moralização” da “pátria” e de formação da “nação” significativos, responsáveis, de certa forma, pelo o que Ilmar Rohloff de Mattos (2005) chama de “expansão para dentro”.

Enfim, um projeto moral e nacional “positivo”/propositivo e influente à sua época, no entanto, intimamente marcado e delimitado pelo seu “clima histórico” - a melancolia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A Experiência do Tempo. Conceitos e Narrativa na Formação Nacional Brasileira (1813 – 1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Ânimos Temoratos: uma leitura dos medos sociais no tempo das Regências*. 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói- RJ.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vergangene Zukunft. Zur semantik gechichtlicher Zeiten*. Frankfurt Am Main: Suhrkamp, 1989.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Suspiros Poéticos e Saudades*. Brasília: Editora UnB, 1999 [1836].

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Lavrador e o Construtor. O Visconde do Uruguai e a Construção do Estado Imperial. In: PRADO, M. E. (Org.). *O Estado como vocação: ideias e práticas políticas no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

\_\_\_\_\_. *O tempo Saquarema*. 2ª. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. In: JANCSÓ, I. (Org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos "Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói"*: os primeiros românticos e a civilização do Império do Brasil. (Doutorado em História). PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. A literatura como catarse, segundo Araújo Porto-alegre. In: *Revista e-escrita: revista do curso de letras da UNIABEU*, v. 2, p. 99-112, 2011.

\_\_\_\_\_. Gonçalves de Magalhães e a civilização do Império do Brasil através da literatura. In: *História & Perspectivas*, v. 24, p. 149-192, 2011.

\_\_\_\_\_. 'Ao Leitor : civilização e identidade nacional através do amor na Revista Niterói. In: Valdei Lopes de Araujo & Maria da Gloria de Oliveira. (Org.). *Disputas pelo passado: História e historiadores no Império do Brasil*. Ouro Preto, MG: EDUFOP, 2013, p. 1-15.

\_\_\_\_\_. A colonização portuguesa e o destino do império do Brasil segundo Gonçalves de Magalhães, ou ainda: teria o Império um destino trágico? In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 75, p. 225-236, 2013.

\_\_\_\_\_. História e escravidão no pensamento de Torres Homem a partir de sua leitura de Tocqueville. In: *Dimensões - Revista de História da UFES*, v. 29, p. 208-237, 2013.

\_\_\_\_\_. O período regencial e o clima histórico melancólico: Pessimismo e esperança na poesia de Gonçalves de Magalhães. In: *Revista ArtCultura*, 2013.

ZAMMITO, John H. Koselleck's philosophy of historical time(s) and the practice of history. In: *History and Theory* 43 (February 2004), p. 124-135.